



REVISTA DA ANINTER-SH

Volume 1, 2024 – Artigo: 01

ISSN: 2965-954X

Received: 07/12/2023

Accepted: 02/04/2024

D.O.I. <http://dx.doi.org/10.69817/2965-954X/v1a1>

UM MUNDO MELHOR PARA UM NÚMERO MAIOR DE PESSOAS

Djalma Thürler

Professor da Universidade Federal da Bahia.

djalmathurler@ufba.br

Resumo: Este ensaio busca na crítica criativa ao modelo hegemônico de ciência, que normaliza o eurocentrismo e o colonialismo e utiliza termos como hegemonia, poder e dominação para descrever a posição das ciências ocidentais sobre as demais, defender a epistemologia interdisciplinar, que tem desempenhado um papel crucial na compreensão e no avanço do conhecimento em várias áreas acadêmicas, se concentrando na interação e na colaboração entre diferentes disciplinas, superando as barreiras tradicionais que separam os campos do conhecimento e se abrindo a uma abordagem mais holística para a resolução de problemas complexos.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Colonialidade; Ciência

Resumen: Este ensayo busca en la crítica creativa al modelo hegemónico de ciencia, que normaliza el eurocentrismo y el colonialismo, y utiliza términos como hegemonía, poder y dominación para describir la posición de las ciencias occidentales sobre las demás. Defiende la epistemología interdisciplinaria, que ha desempeñado un papel crucial en la comprensión y el avance del conocimiento en varias áreas académicas, centrándose en la interacción y la colaboración entre diferentes disciplinas, superando las barreras tradicionales que separan los campos del conocimiento y abriéndose a un enfoque más holístico para la resolución de problemas complejos.

Palabras clave: Interdisciplinariedad; Colonialidad; Ciencia

Abstract: This essay seeks, through creative critique of the hegemonic model of science that normalizes Eurocentrism and colonialism, and employs terms such as hegemony, power, and domination to describe the position of Western sciences over others, to advocate for interdisciplinary epistemology. Interdisciplinary epistemology has played a crucial role in understanding and advancing knowledge in various academic areas by focusing on the interaction and collaboration between different disciplines, transcending traditional boundaries that separate fields of knowledge, and opening up to a more holistic approach to solving complex problems.

Keywords: Interdisciplinarity; Coloniality; Science

Segundo a compreensão de Agopyan (2011), há consenso entre cientistas e pesquisadores de que a interdisciplinaridade é imprescindível para o desenvolvimento das artes, das ciências e das humanidades. Entendemos que essa imprescindibilidade está a tornar-se rapidamente uma característica integral da investigação em nosso tempo devido à complexidade inerente e à realidade multifacetada dos fenômenos naturais, sociais e tecnológicos da contemporaneidade, uma necessidade epistemológica que emerge, seja dos

avanços da ciência e da tecnologia, seja da transformação da sociedade contemporânea e a consequente necessidade em resolver problemas sociais de uma forma holística.

Em primeiro lugar, gostaria de localizar o paradigma hegemônico disciplinar de produção do conhecimento que, historicamente, está associada ao advento da modernidade/colonialidade¹, que pode ser lido e identificado não apenas como o início da ciência moderna, mas como a dominação de princípios explicativos do mundo e da consequente destruição de comunidades, de formas de pertencimento e de formas de circulação de experiências subjetivas não normativas. Se a modernidade designa a afirmação e o monopólio do “real”, desde o material até o simbólico, a colonialidade designa a negação e o repúdio de tudo o que pertence ao exterior dessa “realidade”.

De certo modo, podemos dizer, junto com Quijano (2005) e ampliado por mim, que a modernidade/colonialidade se assenta e se sustenta a partir da intervenção no curso das presenças através de um padrão de controle ordenado e organizado em domínios inter-relacionados, sendo eles os controles da (i) economia, da (ii) autoridade patriarcal, do (iii) gênero e da sexualidade (iv) da raça e do (v) conhecimento e (vi) da subjetividade, essa última marcada pela obsessão cartesiana e a edificação dicotômica do conhecimento valorizando a cabeça (razão) em detrimento do corpo.

O modelo monológico e monorracial da nova racionalidade científica nutrida pela catequese colonial e que predomina na ciência moderna, surgiu das revoluções científicas de Copérnico, Galileu e Newton, no século XVI e se desenvolveu ao longo dos séculos seguintes do domínio das ciências naturais, primeiramente, para o domínio da sociedade, afinal, assim como tinha sido possível descobrir as leis da natureza, também seria possível descobrir as leis da sociedade e, assim, esse modelo de racionalidade hegemônico se tornou o elemento principal de uma grande transformação social e tecnológica.

Embora houvesse precedentes no século XVIII – o Século da Ilustração – foi somente no século XIX que as ciências sociais emergentes adotaram esse modelo. A partir daí, segundo Boaventura de Sousa Santos (2018), é apropriado falar de um modelo global (isto é, ocidental e autoritário) de racionalidade científica, com alguma variação interna, é certo, mas que ostensivamente discrimina outras formas não científicas (portanto potencialmente disruptivas) de conhecimento que não são regidas por seus próprios princípios epistemológicos e regras metodológicas. Ou seja, a hegemonia ideológica da ciência moderna, sendo ela mesma um modelo global, é também um modelo totalitário, na medida em que nega racionalidade a todas as formas de conhecimento, especialmente, o esoterismo,

¹ Utilizamos aqui a modernidade/colonialidade como conceitos coevos.

o senso comum e as chamadas humanidades (que incluem, entre outras, a história, a filologia, os estudos jurídicos, os estudos literários, a filosofia e a teologia).

A esse processo de guerra à subjetividade, de purificação das leituras do mundo e das explicações subjetivas que o paradigma hegemônico da ciência moderna insiste em considerar irrelevante, ilusória e falsa, podemos, na carona de Rufino (2019) chamar de desencantamento ou de desmagificação, que significa a negação da racionalidade a todas as formas de conhecimento que não são regidas por seus próprios princípios epistemológicos e regras metodológicas.

Assim, falar em modos de operar do paradigma hegemônico da ciência moderna, significa falar no primado de um método, o científico, que afasta o erro e conduz o homem no caminho do conhecimento verdadeiro, direcionando e controlando toda a produção de conhecimento do mundo moderno e contemporâneo, método cujos pilares básicos repousa no que Morin (1996; 2000) teria considerado os Pilares da Certeza da Ciência Clássica, como (i) o princípio da ordem; (ii) o princípio da separação; (iii) o princípio da redução e; (iv) o princípio da lógica formal, reforçados pelos três axiomas identitários de Aristóteles, (i) o princípio da identidade ($A \text{ é } A$); (ii) o princípio da não-contradição ($A \text{ não é } A \text{ e } A \text{ ao mesmo tempo}$) e; (iii) o princípio do terceiro-excluído (Não existe um terceiro termo T , que seja ao mesmo tempo A e não A , uma coisa é ou não é).

Hoje, mais de duzentos anos depois, somos todos ainda produtos dessa ordem regulatória, desse “carrego colonial” (2019, p. 17), como dizem Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, esse projeto vampiresco que se calça na produção de escassez, na destituição de vivacidade, na destruição de sonhos, na quebra dos ciclos vitais e, naquilo que parece o mais radical e sofisticado dessa maquinaria colonial, que é a produção do esquecimento.

1.2 O paradigma emergente e o conhecimento como reprogramação descolonizatória

O acima exposto nos leva a problematizar a episteme da razão universal que exclui como científicas “outras” formas de conhecimento que não o positivismo e pensar em “outras” racionalidades, “outras” verdades que desafiam o monólogo da razão moderno-ocidental-colonial e confrontam o caos ecológico (ambiental, espiritual, humano e social) em que vivemos todos os dias a partir de epistemologias que transgridem, deslocam e afetam a negação cosmogônico-espiritual, epistêmica e ontológica que tem sido – e é – a estratégia, o fim e o resultado do poder da colonialidade.

Assim, o caminho para a descolonização do conhecimento dominante, para a construção de uma universidade pluriépistêmica, a nosso ver, passa por uma dimensão crítica dos fundamentos epistemológicos do conhecimento ocidental, mas, também, pela construção de espaços em que pessoas e grupos em situação de subalternidade (movimentos e comunidades afro, indígena, camponesa, feminina e LGBT+, apenas para citar algumas) possam criar suas contranarrativas

históricas e artísticas, apropriando-se de tecnologias, desenvolvendo habilidades, propondo conhecimentos diversos e mobilizando-os em um caminho inverso ao da “globalização perversa” da qual falava Milton Santos em seu livro “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”.

O pensamento decolonial, assim, implica deixar de andar pelas epistemes enraizadas pela modernidade/colonialidade e começar a moldar novos caminhos epistêmicos e epistemológicos, caminhos fronteiros, de encruzilhada, o que torna possível configurar novas formas de convivência em cidadania, diversidade e harmonia, que tornam visíveis as visões de mundo, epistemologias, filosofias, práticas e modos de vida que se baseiam em diferentes verdades e razões, em *outras* formas de pensar, sentir, saber, fazer e viver.

Quando comecei a pensar sobre esse assunto, em 2014, quando a gente ainda podia se encontrar em um bar, saudar Exu, flunar pelas ruas, eu me recusava a aceitar que estávamos retrocedendo numa volta ao tempo, a um mundo de desencanto, mais ou menos parecido com o que anunciou Max Weber sobre a modernidade e o pensamento cientificista do século XVII que, na esteira de Didi-Huberman, seria um processo de perseguição à emoção, de quebra do encanto mágico, guerra à magia e ao subjetivo, esses sempre associados ao primitivo e, portanto, àquele que merece ser superado ou soterrado, extinto, excomungado, exorcizado.

A magia e a subjetividade, a emoção e a alegria eram compreendidas, então, como um impasse: “Impasse de linguagem, afinal, emocionado, fico mudo, não consigo achar palavras que comuniquem; Impasse do pensamento, afinal, emocionado, perco todas as referências e desreferencializado eu não tenho prumo, não chego, não tenho método; Impasse de ação, afinal, emocionado, fico de braços moles, pernas bambas incapaz de me mexer, como se uma serpente invisível me imobilizasse”, pensei agora com Didi-Huberman (Didi-Huberman, 2016, p. 21).

Essa característica paralisante da emoção foi o principal alvo da revolta empírico-racionalista da modernidade, que se preocupou, sobretudo, com a formulação de um método científico que ao mesmo tempo em que conduzia o homem ao caminho do conhecimento verdadeiro, o afastava do erro, de tudo o que bloqueava a mente humana, o afastava do “defeito da razão”, pensado por Kant, ou as “falsas noções”, os “fantasmas de verdade”, denominadas por Francis Bacon.

Esse projeto da ciência moderna representado pelo desejo filosófico de clareza, distinção, imunidade, contenção, determinação, consistência, unidade e isolamento se esmerou para destituir toda a identidade política, toda a força revolucionária, toda dimensão curativa e combativa da palavra encantamento. Em nome de uma governamentalidade colonial, para realizar a ciência como interpretação verdadeira da natureza se produz, então, a “limpeza” de tudo aquilo que incomoda – ou seja, o que não se pode compreender ou apreender, por isso a demonização das nossas emoções e das nossas identidades, não apenas das formas não cristãs de vida, mas da nossa presença nele, pretos e pretas, “mestiços, mulatos / Cafuzos, pardos, mamelucos, sararás / Crilouros, guaranisseis e judárabes / tapuias, tupinamboclos, yorubárbaros” (Antunes, 1993, sem paginação) párias, bichas pobres, pobres bichas e ricas também, toda a multidão *queer*, malandros, batuqueiros, macumbeiros, putas e mães de santo para produzir uma imagem reduzida e apequenada do sujeito racional, aliada

a uma potente construção imaginária que alimentou nossa subjugação, humilhação e aniquilamento através de: exorcismos violentos, conversões forçadas, destruição de terreiros; assédios e abusos, leis discriminatórias, acusações de magia e superstição e lâmpada atirada contra a nossa cabeça na Paulista.

O desencantamento não é apenas uma questão de como lidar com os ritos e celebrações, as festas, os *bas-fonds* não é um ato isolado, faz parte de um imaginário maior, um imaginário desencantado, mobilizado como eu disse na guerra à magia, mas, também, à diversidade do imaginário. E é importante frisar que a expressão imaginário é diferente do irreal, ela se aproxima mais de um “real imaginado como tal”, por isso a produção de imaginários deve ser uma disputa, porque esse imaginário inclui processos múltiplos de produção e articulação dos diferentes sujeitos sociais e vai refletir na estrutura das mentalidades, na ordem social, [que] funciona como uma imensa máquina simbólica, pensei agora com Bourdieu, que tende a ratificar a dominação de alguns corpos e a subordinação de outros.

A necropolítica, por exemplo, não é uma bala perdida que encontra um determinado corpo, um corpo que não importa, como diria Butler (2019), é, antes, a produção de um mundo que mata tudo aquilo que precede e excede o corpo visualizado através da imagem científica do humano, qual seja, o homem branco, católico, capacitista, heterossexual... que de certa forma vai atentar contra todas as outras manifestações da vida de se duas dimensões ecológicas. A condenação a um destino de sofrimento, essa dimensão genocida, epistemicida, semiocida, comunitaricida, glotossida está pronta nos gabinetes da máquina de guerra a que chamamos Estado, apenas aguardando novos corpos para marcar e abater.

Quando eu digo e repito que a produção de imaginários deve ser uma disputa, é porque essa produção de imaginários é, em si, a “organização do imaginário social que orienta a nossa forma de imaginar o real, o possível e o impossível, o que somos e devemos ser, o que pode nos ocorrer de terrível e, por isso, precisamos afastar de nós, e o que podemos apenas sonhar e isso afeta diretamente as dimensões sensíveis da nossa existência.

Entre o inferno e o paraíso, o real é esmagado e quando vivemos um mundo organizado, um mundo em marcha, para que pareça sempre o único mundo possível, lançam ao esquecimento qualquer outra forma de existência ou de explicação da vida, do mundo e das pessoas que nele habitam, nosso horizonte é todo contaminado por essa imagem do real, por essa invenção do real, como pensou a Rita Segato (2018).

A política, então, pensada como a participação na vida pública, significa uma intervenção nesse imaginário, no curso das presenças. Quando eu penso em produção artística como política cultural das margens, estou pensando exatamente da produção, construção e invenção de contra discursos do imaginário colonial, de pesquisas e práticas que podemos chamar de “política imaginal do dissenso”, não como uma manifestação que insere um mundo no outro, mas um caco de vidro que rasga o sensível e penetra a carne do mundo hegemônico, abrindo uma brecha para tornar visível aquilo que não tinha motivo para ser visto, aquilo que ano passado morreu, mas esse ano, não.

É um ato de emancipação, porque a descolonização do imaginário é um ato de contra-ataque,

significa a desprogramação da colonialidade e do seu projeto de nação, seu projeto de terror e morte.

2. Uma epistemologia interdisciplinar como prática contínua de decolonização

Quando falamos em interdisciplinaridade, falamos em investigação como movimento complexo e sistêmico, um conceito bastante discutido no cotidiano acadêmico, tanto no Brasil como no exterior. Trata-se de um movimento inovador e uma prática em processo de construção e desenvolvimento do campo científico contemporâneo, desde os anos 1960, que vem crescendo consideravelmente nos últimos tempos em todos os níveis de ensino. No Brasil, cerca de 18 universidades federais já oferecem cursos de graduação interdisciplinares e, no âmbito da Pós-Graduação, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) registrou 396 Cursos nessa área para a avaliação no quadriênio 2017-2020.

Nem sempre a compreensão do conceito de interdisciplinaridade é consensual, seja na literatura ou em documentos universitários, o que significa dizer que exigir uma definição pronta, objetiva, exata não é uma tarefa fácil, mas é nosso papel dizer algumas coisas a seu respeito.

Primeiro que a investigação interdisciplinar se reveste de aspectos pluridisciplinares, ou seja, estamos a falar de uma investigação prática pluralista que atravessa diferentes áreas disciplinares a fim de resolver um grande desafio social, mas não se trata apenas de interação entre duas ou mais disciplinas, uma fusão superficial de quadros incompatíveis encaminhando sua compreensão para a simples comunicação das ideias entre elas, o que estaria mais perto da multidisciplinaridade, mas, antes, sua integração mútua, a compreensão de que os princípios fundamentais das disciplinas envolvidas, dados, técnicas, ferramentas, perspectivas, conceitos, partilha de objetivos e métodos, teorias e tecnologias, a partir de uma hipótese interdependente, envolvam a integração dessas perspectivas para resolver, de forma criativa, inovadora, problemas cujas soluções estão para além do âmbito de uma única disciplina ou área prática de investigação.

À medida em que se trabalha com conceitos e técnicas, teorias e tecnologias de outras áreas, as demarcações entre as disciplinas devem esbater-se cada vez mais, o que permitirá novas formas de cooperação, principalmente no sentido de busca de uma policompetência que, na esteira de Fazenda (1998) possui a ambiguidade como diretriz, o que se aproxima da ideia de “pensamento úmido”, de Rafael Hadock-Lobo (2011), aquele que, nem seco nem molhado, é a impossibilidade de qualquer hegemonia, de qualquer totalitarismo do discurso científico hegemônico, pois vai sempre permitir uma fenda, uma brecha, uma contaminação, o que marca, de forma indelével, a investigação dinâmica da interdisciplinaridade.

Como queremos fazer entender, ao buscar a interligação entre disciplinas para examinar graves problemas sociais da atualidade e lançar alternativas de leitura inovadoras e criativas sobre um mundo complexo, nas palavras de Morin, a interdisciplinaridade pode enriquecer a nossa compreensão do mundo e, não à toa, tornou-se uma agenda científica global e onipresente nos meios acadêmicos americanos e europeus, mas isso não significa que a investigação monodisciplinar não seja desejável ou útil, afinal, ela é importante quando a solução de problemas requer a perícia de uma única habilidade disciplinar.

A interdisciplinaridade, é verdade, pode ser uma forma de obter uma perspectiva mais integrada da complexidade social, mas isso não significa que seja melhor do que o trabalho disciplinar, por isso é importante o cuidado com a recente tendência para o fetichismo do trabalho interdisciplinar, bem como atitudes tradicionais de superioridade e importância que podem impedir os cruzamentos dos domínios disciplinares, o que significa dizer que a perspectiva interdisciplinar não é contrária à perspectiva disciplinar, ao contrário, não pode existir sem ela, alimenta-se dela, são, então, duas dimensões complementares do conhecimento. Nesse sentido, é preciso pensar a interdisciplinaridade enquanto uma comunidade de conhecimento de diferentes saberes e práticas compartilhados, disciplinaridade e interdisciplinaridade, autonomia e compromisso no processo de formação do sujeito contemporâneo comprometido em tornar a vida eticamente viável. Esse é o argumento que eu quero a fazer neste espaço de tempo.

Para tanto, recorro às experiências de Michael Burawoy, em seu texto “Sociology and Interdisciplinarity: The Promise and the Perils (2013), em que descreve a importância da pluridisciplinaridade. Burawoy fala que quando fazia o mestrado em antropologia social na Universidade da República da Zâmbia entre 1970 a 1972, teve o raro privilégio de participar em seminários de investigação, porque todos estavam interessados em tentar compreender como a Zâmbia, a menos de 8 anos de independência, estava a lidar com as suas novas liberdades conquistadas. Nesses seminários não importava o tema, não importava a disciplina, todos os indivíduos tinham algo a acrescentar à discussão com base nas suas próprias experiências investigativas.

Recentemente Burawoy regressara à Zâmbia para participar de uma conferência para avaliar, agora, os seus 50 anos de independência e, mais uma vez, chamou sua atenção o carácter pluridisciplinar: uma reunião de sociólogos, cientistas políticos, economistas, geógrafos, educadores, mas, também, acadêmicos, artistas e escritores que percorreram as disciplinas para falar sobre o “algo de trágico” na história dessa (in)dependência que afetou todas as formas de vida naquele país.

Burawoy também destaca uma outra conferência “emocionante”, dessa vez em Joanesburgo, centrada na política das sociedades precárias, que reuniu estudiosos do Líbano, Colômbia, Índia, Alemanha, EUA, bem como da África do Sul, em que cada participante contribuiu para uma abertura de perspectivas sobre a “precariedade”, o que levou Burawoy a pensar sobre sua formação disciplinar no doutorado em Sociologia, na Universidade de Chicago, no início dos anos 1970, do quanto ficou chocado com a provincianidade do Ensino da sociologia daquela Universidade – as aulas chatas tão afastadas de questões reais que o mundo enfrentava, a presunção da sua disposição acadêmica, o excesso de auto-referencialidade –. A sociologia de Chicago estava estranhamente isolada do que se passava à sua volta, tanto dentro da universidade, quanto mais além. Em 1990, quando visitou a África do Sul, se deparou com o ensino de uma sociologia muito diferente, onde os limites disciplinares eram fluidos e estava profundamente envolvida nas lutas anti-*apartheid*. Quando se tornou Presidente da Associação Sociológica Americana, tentou propagar esta variante da sociologia, empenhado em perseguir dois objetivos: primeiro, tornar a sociologia americana consciente de um mundo da sociologia para além dos EUA e, em segundo lugar, defender e expandir a sua face pública, ou seja,

a sua relevância para as questões públicas.

Essas experiências de Michael Burawoy apontam, primeiramente, para o anacronismo das ciências (sociais) do início dos anos 1970, ainda ligadas a características do pensamento hegemônico, como o universalismo, o positivismo e a disciplinaridade e, claro, sua conseqüente incapacidade de diálogo com áreas críticas emergentes de investigação como raça, gênero e sexualidade, por exemplos; depois, o entendimento de que o mundo já não podia – se alguma vez pudesse – ser dividido em partes, ou seja, tratar a Economia da economia, a Ciência Política do estado e a Sociologia da sociedade.

A superação da disciplinaridade e o avanço para uma ciência de base sócio-histórica, cuja finalidade última seria dar conta de fenômenos complexos de diferentes naturezas, foi expressa a partir da rearticulação dos saberes – conceitos de uma disciplina ocupam espaços inesperados em outras – em torno de novos temas e conceitos, como os estudos de gênero, afro-americanos e/ou étnicos e, também, barthesianamente falando, de um impactante deslocamento do estatuto dos objetos tradicionais.

O campo dos estudos literários, só para citar o exemplo de uma Área, tem sido, nas últimas décadas, especialmente proclive a essas migrações conceituais e efeitos de interdisciplinaridade, como o mostram as obras de Barthes, Foucault, Kristeva, Deleuze, entre outros, pondo em questão o estatuto da literatura e dos conceitos com que é possível pensá-la, ampliando o campo de seus interesses em direção a objetos que, tradicionalmente, não faziam parte da instituição literária.

Por fim, talvez possa dizer que a interdisciplinaridade, longe da angústia e do isolamento estéril da torre de marfim, do gueto científico, artístico e tecnológico, pode ajudar a datar a ciência na contemporaneidade, porosa entre o teórico e o político, gradualmente mais complexa e demasiadamente humana, que busca, ansiosamente, na travessia dos saberes, no diálogo entre as disciplinas, na encruzilhada epistemológica, promover um conhecimento coletivo, intercalado, entrosado, entretecido que, ao remover radicalismos e desvairismos, reconhece no espaço coletivo a importância de uma rede criativa de colaboração intelectual, espaço vital de liberdade na construção e socialização de conhecimento, espaço para exercício da máxima de Boaventura de Sousa Santos, a de que a interdisciplinaridade, em um duplo movimento – ao apontar seja para a renovação da ciência, seja para a transformação da Universidade – deva apostar em uma epistemologia moral, ativa e preocupada politicamente em mudar a sociedade, em construir um mundo melhor para um número maior de pessoas.

Referências

AGOPYAN, Vahan. Prefácio. In: Arlindo Philippi Jr; Antonio J. Silva Neto. *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação*. Barueri, SP: Manole, 2011.

ANTUNES, Arnaldo. Inclassificáveis. In: *Nome*, 1993. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/inclassificaveis.html>. Acesso em: 22 outubro 2023.

BURAWOY, Michael. Sociology and Interdisciplinarity: The Promise and the Perils. *Philippine Sociological Review*, vol. 61, 2013, pp. 7-20.

- BUTLER, Judith. *Corpos que importam* – os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1, 2019.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Ed. 34, 2016.
- HADOCK-LOBO, Rafael. *Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Nau: Ed. PUC-Rio, 2011.
- FAZENDA, Ivani (Org.). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- MORIN, Edgard. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MORIN, Edgard. A epistemologia da complexidade. In: MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. (Org.) *A inteligência da complexidade*. São Pauo: Peirópolis, 2000, p.p. 42-137.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas*, 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.
- SEGATO, Rita. *Contra-Pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO Luiz. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.